



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FILIPE FELIX ERMEL

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DAS ESCALAS LEVENSON E
DIRTY DOZEN PARA PSICOPATIA:
UM ESTUDO CORRELACIONAL**

Londrina
2022

FILIPE FELIX ERMEL

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DAS ESCALAS LEVENSON E
DIRTY DOZEN PARA PSICOPATIA:
UM ESTUDO CORRELACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1 – Avaliação Psicológica e Processos Clínicos.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração

Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Ermel, Filipe Felix.

Evidências de validade das escalas Levenson e Dirty Dozen para psicopatia:
um estudo correlacional / Filipe Felix Ermel. - Londrina, 2022.

52 f. : il.

Orientador: Fabiano Koich Miguel.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2022. Inclui bibliografia.

1. Psicopatia - Tese. 2. Avaliação - Tese. 3. Validação - Tese. 4. Levenson Tese. I. Miguel, Fabiano Koich. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

CDU 159.9

FILIPE FELIX ERMEL

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DAS ESCALAS LEVENSON E
DIRTY DOZEN PARA PSICOPATIA:
UM ESTUDO CORRELACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1 – Avaliação Psicológica e Processos Clínicos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Prof. Dr. Marcos Hirata Soares
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Nelson Hauck Filho
Universidade São Francisco - USF

Londrina, 06 de maio de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Fabiano Koich Miguel por todo acompanhamento e assistência durante o percurso desta pesquisa, pela paciência e serenidade diante das dificuldades surgidas e pelos valiosos apontamentos e direcionamento durante a execução deste trabalho.

Dirijo a minha profunda gratidão a algumas pessoas especiais que de variadas formas contribuíram para a realização deste trabalho e me apoiaram, pessoalmente, durante todo o processo.

Aos meus familiares por todo o apoio e carinho, aos meus amados irmãos Rodolfo e Pedro, ao meu querido pai Hercílio, e, em especial, à minha amada mãe Silvana por todo acolhimento, apoio e amor oferecido durante esta etapa.

À minha amada amiga Sandra, por toda a constância, orientação, carinho e possibilidade de trocas ao longo da jornada.

Ao meu querido amigo Homero, cuja preocupação e ombro amigo foram essenciais.

Aos queridos amigos de longa data Amanda, Larissa, Paulo, Zucca, Alana, Dayane, por sempre estarem afetivamente presentes e por todo apoio e estímulo recebidos.

Ao amado amigo atemporal Leon, pela força, carinho e suporte durante a caminhada deste trabalho.

ERMEL, Filipe Felix. **Evidências de validade das escalas Levenson e Dirty Dozen para psicopatia**: Um estudo correlacional. 2022. 52 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

A psicopatia refere-se a um fenômeno complexo da organização da personalidade que abrange variados modelos de compreensão que estudam e analisam diferentes características da personalidade e de mensuração das mesmas. Tais características abrangem ausência de empatia, enganiosidade, baixa ansiedade, assertividade e confiança social, agressividade, entre outros. Esta pesquisa se propôs a buscar evidências de validade para as escalas de psicopatia Levenson e Dirty Dozen, a partir de um estudo correlacional, utilizando outros instrumentos que avaliam construtos associados à psicopatia (IDCP-2, QoE e TOHE). Os diferentes instrumentos foram aplicados de forma on-line, por meio da utilização de uma plataforma virtual. Participaram desta pesquisa 309 indivíduos de ambos sexos e maiores de 18 anos. Os escores fatoriais das escalas de psicopatia foram relacionados com os outros testes por meio da correlação de Pearson. Os resultados revelaram correlações positivas fortes e moderadas entre os fatores das escalas de psicopatia com os construtos dos outros testes: agressividade, manipulação, enganiosidade e ausência de empatia. Os dados obtidos confirmaram as expectativas teóricas e conduziram à conclusão de que a psicopatia primária e secundária e as suas principais características estão sendo amplamente avaliadas pelas escalas de psicopatia, recomendando a inclusão de outros itens avaliativos da psicopatia secundária para pesquisas futuras.

Palavras-Chave: psicopatia; avaliação; validade; Levenson; dirty dozen.

ERMEL, Filipe Felix. **Validity evidence of the Levenson and Dirty Dozen scales for psychopathy: A correlational study.** 2022. 52 p. Dissertation (Master in Psychology) - State University of Londrina, Londrina, 2022

ABSTRACT

Psychopathy refers to a complex phenomenon about personality organization that encompasses different theoretical perspectives which include the study and analysis of different personality traits and their measurement. Those psychopathic features encompass lack of empathy, deceit, low anxiety, social confidence and assertiveness, and others. The present research sought to find validity evidence for the Dirty Dozen and Levenson scales of psychopathy from a correlational study using other instruments (IDCP-2, QoE, TOHE) that assess associated psychopathic personality characteristics. A total of 309 individuals of both sexes and over 18 years have participated of this research and were assessed by the different tests virtually. The scores of the instruments were related by Pearson's correlation and the results revealed strong and moderate positive correlations among the psychopathy factors of the scales and traits assessed by the other tests such as aggressiveness, manipulation, deceitfulness and empathy impairment. The data confirmed based theoretical expectations and led to the conclusion that primary and secondary psychopathy and its main characteristics are broadly assessed by the psychopathy scales, recommending the inclusion of other secondary psychopathy features for future researches.

Key words: psychopathy; scales; validity; Levenson; dirty dozen.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estatísticas Descritivas dos Testes Correlacionados com a D-12 e Levenson	32
Tabela 2 – Correlações de Pearson da Escala Dirty Dozen com os subfatores do IDCP-2	33
Tabela 3 – Correlações de Pearson da Escala Levenson com os subfatores do IDCP-2	34
Tabela 4 – Correlações de Pearson da Escala Dirty Dozen com os fatores do QoE e TOHE	41
Tabela 5 – Correlações de Pearson da Escala Levenson com os fatores do QoE e TOHE	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	BREVE HISTÓRICO	10
1.2	CLECKLEY E O CONCEITO DA MÁSCARA	12
1.3	PSICOPATIA PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA	13
1.4	O MODELO TRIÁRQUICO DA PSICOPATIA.....	16
1.5	AVALIAÇÃO DA PSICOPATIA	18
1.5.1	Fundamentos da Escala Levenson	18
1.5.2	Fundamentos da Escala Dirty Dozen.....	19
1.6	PSICOPATIA E CONSTRUTOS ASSOCIADOS	20
1.6.1	Impulsividade e Neuroticismo.....	20
1.6.2	Empatia	22
1.6.3	Processamento Cognitivo e Emocional	24
1.6.4	Hipóteses.....	25
2	DESENVOLVIMENTO	27
2.1	MÉTODO	27
2.1.1	Delineamento.....	27
2.1.2	Participantes.....	27
2.1.3	Instrumentos	27
2.1.3.1	Questionário sociodemográfico	27
2.1.3.2	Escala Levenson - self-report psychopathy scale (LSRP).....	28
2.1.3.3	Dirty Dozen (D-12).....	28
2.1.3.4	Inventário clínico dimensional (IDCP-2)	28
2.1.3.5	Questionário online de empatia (QoE)	29
2.1.3.6	Teste de organização de histórias emocionais (TOHE).....	29
2.1.4	Procedimentos.....	30
2.1.5	Análise de Dados	30
2.2	RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
2.3	IDCP-2 E CORRELAÇÕES COM AS ESCALAS LEVENSON E DIRTY DOZEN.....	33
2.4	QOE E TOHE E CORRELAÇÕES COM A D-12 E LEVENSON	41
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46

REFERÊNCIAS.....	51
-------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

A psicopatia afigura-se como um tema instigante que vem ganhando crescente destaque no imaginário social nos últimos tempos, sendo representada por várias personagens cativantes, do cinema às séries televisivas. Há de se indagar a razão pela qual o personagem psicopata e seus feitos suscitam um peculiar interesse no público em geral, quase de forma apelativa a uma curiosidade quanto a sua enigmática natureza. Neste viés, parece haver um geral desconhecimento acerca desta personalidade, algo que permanece relegado à teoria científica na sua capacidade de descortinar as facetas ocultas da psicopatia.

O presente trabalho se objetivou em procurar evidências de validade para escalas (Dirty Dozen, Levenson) que avaliam a personalidade psicopática em suas diferentes características, a partir de associações das mesmas correlacionadas com outros instrumentos avaliativos. Para isso, é fundamental conhecer tais característicos no âmbito das pesquisas empíricas, bem como as conceituações teóricas precedentes.

A definição precisa do que é a psicopatia é uma questão controversa considerando a variabilidade dos conceitos, definições e modelos compreensivos que situaram o seu lugar na vertente científica ao longo das décadas. Não obstante, uma clareza e sistematização conceitual se fazem necessárias para nortear a sua investigação, avaliação e estudo, assim como a replicabilidade das pesquisas desenvolvidas na área. Em linhas gerais, a psicopatia pressupõe uma perturbação ou transtorno da personalidade cujo impacto negativo é alarmante nas relações interpessoais, na conduta e na própria organização pessoal do indivíduo (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Neste sentido, há de se considerar que a psicopatia, desde os primórdios, suscitou o seu interesse investigativo enquanto fenômeno justamente por se apresentar de uma forma tão

intrigante no âmbito da psiquiatria. Indivíduos cuja personalidade era aparentemente normal, revelavam um bom ajuste à sociedade e bom funcionamento de seus aspectos pragmáticos e cognitivos que acabavam por se contrastar abruptamente com os seus atos delinquentes e criminosos. Esta faceta oculta e insidiosa de uma psicopatologia que não se revelava facilmente, configurou o preâmbulo do interesse científico para a sua investigação.

1.1 BREVE HISTÓRICO

A psicopatia passou pela sua primeira tentativa de descrição e categorização no âmbito da medicina legal. Remontada ao século XIX, teve a sua conceituação prototípica atrelada aos casos de criminosos agressivos e inescrupulosos que não se enquadravam insanos. A tradição clínica pressupunha estudos de casos de criminosos e pacientes psiquiátricos para extrair informações acerca da psicopatia por meio de observações clínicas e entrevistas, o que constituiu a base para o avanço das concepções mais modernas sobre a mesma (Hauck Filho *et al*, 2009).

Pinel, apoiado na hermenêutica clínica, desenvolveu a expressão *mania sem delírio* para designar os pacientes portadores de conduta de violência extrema cuja compreensão intacta de seus atos inviabilizava o diagnóstico de delírio (Hauck Filho *et al*, 2009).

O psiquiatra inglês Pritchard introduziu em 1835 o termo “insanidade moral” a designar indivíduos cuja conduta apresentava perversidade mórbida, com altos indícios de comportamentos antissociais. Foi o primeiro autor a atribuir a influência do ambiente à perturbação (Morana, 2003; Seixo, 2010). Em meados de 1880, Lombroso desenvolveu sua teoria sobre o denominado “delinquente nato”, na qual a correlação entre a personalidade e a propensão à criminalidade se evidenciaria por aspectos da morfologia corporal, por exemplo, um indivíduo marcado por determinados estigmas na estrutura facial e na simetria corporal (Morana, 2003, Henriques, 2009).

Ao fim da década de 90 do século XIX, o psiquiatra alemão Koch desenvolveu a expressão “inferioridade psicopática”, considerando a sua natureza congênita e permanente operando em uma anomalia de caráter. Kraepelin, no começo do século XX, cunhou o termo personalidade psicopática que é empregado até os dias de hoje. Essa designação classificou os indivíduos não neuróticos e não psicóticos, descrevendo uma tipologia de personalidade que abrangeu treze categorias de base as quais se referiam a indicadores de comportamento criminal anormal e imoral (Morana, 2003; Seixo, 2010).

Embora adotasse a perspectiva kraepeliniana acerca do caráter constitucional da personalidade psicopática, Schneider se contrapôs à ideia de que o distúrbio psicopático carregaria traços psíquicos de base. O autor considerou, em seu estudo da personalidade, os desvios quantitativos a partir das vivências que poderiam determinar tais traços disposicionais, classificando a personalidade psicopática em dez subtipos, por exemplo: apáticos, explosivos, fanáticos, entre outros. Assim, a psicopatia não seria uma perturbação mórbida, meramente. Até aqui, podem ser consideradas as primeiras tentativas de conceitualização da psicopatia (Henriques, 2009; Seixo, 2010).

Sumarizando, constam muitas e variadas tentativas de conceituação da psicopatia nos registros históricos, considerando que ênfase das primeiras tentativas recaiu sobre a proeminência do comportamento antissocial e violento dos indivíduos psicopatas. A maioria dos pesquisadores se intrigou com o aspecto de uma psicopatologia que se revelava em apenas circunstâncias específicas, considerando o seu notável funcionamento racional preservado além de uma boa adaptação à sociedade. Tal característica refere-se ao conceito de *Máscara*, descrito e teorizado pelo psiquiatra americano Harvey Milton Cleckley (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

1.2 CLECKLEY E O CONCEITO DA MÁSCARA

Encontram-se no tratado de Cleckley, *The Mask of Insanity* (publicada em sua primeira edição em 1941), os fundamentos para as conceituações modernas da psicopatia, os quais foram extraídos de observações diretas com indivíduos psicopatas internados em hospitais psiquiátricos. A ideia central vinculada ao conceito de *Máscara* diz sobre indivíduos portadores de uma grave psicopatologia subjacente que, não obstante, imprimem confiança, sociabilidade e saúde mental preservada, diferindo-os dos demais pacientes psiquiátricos agitados, irracionais e disfóricos. É somente uma observação mais acurada em suas esferas de vida que permite a constatação da gravidade do transtorno (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

Cleckley estabeleceu uma conjunção de indicadores para a avaliação do transtorno psicopático, uma lista de 16 critérios específicos que podem ser agrupados em três categorias. Os indicadores de Ajustamento Positivo constituem a primeira, envolvem boa inteligência e adaptação social, ausência de delírio e irracionalidade, ausência de nervosismo e baixa propensão ao suicídio. A segunda se refere aos indicadores de desvio de conduta, abrangendo inconfiabilidade, inconsequência, sexualidade promíscua e conduta antissocial. Por último, os indicadores de Ausência de Responsividade Emocional, incluindo ausência de remorso e culpa, pobreza afetiva, egocentrismo, incapacidade de amar, enganiosidade e insinceridade (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

Se aprofundando na concepção da *Máscara*, Cleckley (1976) enfatizou sobre o desafio de se aferir clinicamente os atributos de um psicopata, devido aos seus processos racionais intactos e à capacidade de mimetizar a personalidade humana perfeitamente, chegando a compará-lo com uma máquina de reflexos humanos. Rascunhou hipóteses etiológicas variadas para a psicopatia, de fatores ambientais a um déficit neurológico, atingindo a um limite inconclusivo neste aspecto. Não obstante, o enfoque de suas observações recaiu sobre a

incapacidade dos psicopatas de fruir da vida emocionalmente e atribuir significados a ela como as demais pessoas.

Constituindo a sua principal hipótese, apesar de haver considerado diversas influências, Cleckley postulou que haveria um déficit subjacente à sintomatologia da *máscara* de base constitucional que comprometeria, principalmente, o processamento e responsividade emocional. A presença deste déficit afetivo determinaria o transtorno psicopático. Tal concepção vincula-se a um modelo explicativo unitário, o qual propõe uma causa principal às várias manifestações da patologia psicopática (Patrick, 2018).

Em acréscimo, os autores destacam que Cleckley não enfatizou o aspecto cruel, antagônico e violento dos indivíduos psicopatas, teorizando inclusive que a característica principal da psicopatia de não responsividade emocional mitigaria a agressividade e os impulsos vingativos pertinentes à maioria das caracterizações até ali realizadas. Para além, conceituou os indivíduos cuja conduta não ocasionava problemas sociais marcantes, os denominados *psicopatas de sucesso*, que se encontravam na gama de profissionais de destaque na sociedade (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

1.3 PSICOPATIA PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA

Na mesma época de Cleckley, Benjamin Karpman foi o primeiro autor a propor a distinção entre as variações da psicopatia enquanto primária e secundária. Muitos consideraram que a conceituação proposta por Cleckley corresponderia com a psicopatia primária e embora Karpman tivesse em vista a semelhança das características de personalidade compartilhadas entre as duas variações como pobreza afetiva, enganiosidade, ausência de culpa e empatia, o grande divisor de águas estaria relacionado ao fator etiológico do transtorno psicopático (Skeem *et al*, 2011).

Fundamentalmente, na visão de Karpman, a psicopatia primária estava relacionada a um déficit emocional inato que abrangia um prejuízo severo na consciência, incapacidade de desenvolver apego e ausência de sinais neuróticos de ansiedade ou depressão. Em contrapartida, os psicopatas secundários adquirem um distúrbio emocional como resposta a experiências emocionais adversas no desenvolvimento, como rejeição parental, abusos e maus-tratos. O autor afirmou a presença de uma neurose bem estabelecida por trás da manifesta hostilidade, agressividade e conduta antissocial (Hicks & Drislane, 2018).

As implicações decorrentes disso, segundo Karpman, repousam na possibilidade dos indivíduos com psicopatia secundária de serem suscetíveis a uma alteração no padrão comportamental e se beneficiarem de um tratamento psicoterapêutico, enquanto os psicopatas primários, devido a seu fundamental prejuízo emocional, não apresentarem condições para tal perspectiva de mudança (Skeem *et al*, 2011).

Para o autor, poder distinguir a psicopatia primária da secundária nos seus padrões comportamentais e nas suas características de personalidade é uma tarefa desafiadora. No entanto, notou que os psicopatas secundários, ocasionalmente, podem experimentar amor, culpa e desejo de aceitação, diferentemente da sua contraparte. Além disso, existiria na psicopatia secundária a presença de notável neuroticismo, maior vulnerabilidade à ansiedade e à depressão, impulsividade, raiva e hostilidade. Suas ações podem estar mais vinculadas a uma reatividade emocional ou neurótica, mostrando-se indivíduos “esquentados, que a um planejamento frio e calculado, mais típico da psicopatia primária (Skeem *et al*, 2011).

Lykken compartilhava da mesma visão de que a psicopatia secundária envolvia maior associação com impulsividade e propensão a presença de emoções negativas em comparação com a psicopatia primária, todavia sugeriu uma predisposição biológica para ambas as variações (Skeem *et al*, 2011).

Haveria na psicopatia primária um mecanismo etiológico de base concernente a um aspecto temperamental relativo à ausência de medo. Lykken demonstrou que os indivíduos psicopatas, semelhantes ao modelo prototípico de Cleckley, apresentavam uma notável responsividade autonômica ao medo em testagens de condicionamento aversivo. Mais tarde, Lykken e Fowles desenvolveram a teoria da ausência de medo, articulada com o modelo neurobiológico de Gray relativo à motivação (Hicks & Drislane, 2018).

Tal teoria pressupunha que subjacente à psicopatia primária estaria uma fraqueza no sistema comportamental inibitório (BIS), um sistema cerebral de base referente à sensibilidade a estímulos punitivos. Em contrapartida, as peculiaridades da psicopatia secundária teriam como base uma maior intensidade do sistema comportamental BAS, responsável pelo início e manutenção da busca por recompensas e direcionamento de metas (Hicks & Drislane, 2018).

Ambas as variações de psicopatia poderiam ser associadas à impulsividade e a um comportamento focado em recompensas imediatas. A psicopatia primária, entretanto, não contaria com a presença de níveis de ansiedade, devido ao fraco BIS, mas a psicopatia secundária abrangeria um alto nível de ansiedade, devido ao BIS normal, em contextos de evitação de estimulação aversiva (Hicks & Drislane, 2018).

Um grande número de trabalhos e pesquisas foram desenvolvidas posteriormente, tanto na vertente que atribui maior ênfase aos fatores ambientais para a explicação da psicopatia secundária, quanto aos pensadores que investigaram as bases neurobiológicas subjacentes às variações da psicopatia. Tais estudos refletem a heterogeneidade do fenômeno da psicopatia, atribuindo subtipos, explicações causais variadas e dimensões múltiplas na esfera da personalidade, o que exclui a sua concepção incipiente unitária. Considera-se importante pensar a psicopatia primária e secundária como grupos que abrangem traços dimensionais

qualitativamente diferentes em vez de serem conceituadas como entidades inteiramente distintas (Skeem *et al*, 2011).

1.4 O MODELO TRIÁRQUICO DA PSICOPATIA

Tradicionalmente, a psicopatia foi avaliada em termos observacionais segundo a presença ou não de suas características reunidas nos indivíduos pressupondo uma causa unitária subjacente ao transtorno. Atualmente, tornou-se claro por inúmeras pesquisas empíricas que a psicopatia é dimensional e multifacetada, abrangendo subníveis dimensionais sintomatológicos que possuem algum grau de independência, o que oferece margem para a explicação de suas variadas características e distintas combinações ou variações na configuração da personalidade dos indivíduos psicopatas (Patrick, 2018).

Os modelos tríárquicos de traços da psicopatia tem sido amplamente empregados nas literaturas e pesquisas empíricas, especialmente no que se refere à classificação dos padrões comportamentais psicopáticos, avaliação de suas características de personalidade e identificação de seus processos e mecanismos. Apresentando vantagem em relação às restrições do modelo tipológico, a abordagem de avaliação por traços permite a avaliação da personalidade dos indivíduos em termos quantitativos, segundo o grau da presença dos diferentes traços em cada um (Patrick, 2018).

O modelo tríárquico da psicopatia foi desenvolvido por Patrick e colaboradores em 2009, reunindo características sintomáticas da psicopatia registradas em diferentes concepções históricas e avaliadas por diferentes instrumentos de medida. O modelo tríárquico é essencialmente descritivo uma vez que correlaciona os sintomas manifestos e observáveis da psicopatia com os traços dimensionais baseados em hipóteses prévias e associados a teorias do

desenvolvimento do temperamento, achados pertencentes à personalidade normal e anormal, estudos de adultos e crianças na psicopatia em geral (Patrick, 2018).

Os autores enfatizaram o aspecto constitucional na caracterização dos construtos psicopáticos avaliados, pressupondo a uma ênfase biocomportamental como base explicativa para a sintomatologia psicopática e suas descrições. As principais dimensões da psicopatia segundo a concepção do modelo triárquico são *Boldness*, *Disinhibition* e *Meanness* (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

Segundo a conceituação do modelo triárquico, o construto *Boldness* envolve alta confiança e assertividade nos contextos sociais. Soma-se a isso a resiliência a estressores, propensão a condutas de risco, e a habilidade de se manter calmo em situações de alta pressão ou perigo. As descrições desta dimensão se aproximam das características de ajustamento social de Cleckley e da teoria proposta por Lykken do temperamento da ausência do medo (Patrick, 2018).

Disinhibition refere-se a um construto associado com a impulsividade, propensão a problemas decorrentes da falta de controle dos impulsos combinada com uma tendência a sintomas de externalização. Inclui prejuízos na capacidade de planejamento, ponderação das consequências, e controle do comportamento em contexto de estimulação emocional negativa. A desinibição se manifesta por meio de ações impulsivas em forma de irresponsabilidade, falta de honestidade e julgamento pobre. Envolve considerável grau de neuroticismo, havendo correlação com ansiedade, depressão, abuso de substâncias e ideação suicida (Patrick, 2018).

O construto *Meanness* está associado à ausência de empatia e tendência ao desaparego social. Envolve manipulação e exploração dos outros em vez de evitação social decorrente deste segundo aspecto. Esta dimensão se manifesta de forma comportamental por meio da crueldade

com pessoas e animais, violência premeditada, agressividade destrutiva e vingativa, arrogância e falta de cooperação com os demais (Patrick, 2018).

Esta proposição de Patrick e colaboradores tem se mostrado eficaz em muitas pesquisas realizadas e, principalmente, na sua capacidade de avaliar a psicopatia segundo estes domínios que oferecem bases explicativas e descritivas para as diferentes variações da psicopatia presentemente estudadas. Fatores de diferentes instrumentos avaliativos da psicopatia além dos modelos hipotetizados na literatura podem encontrar uma boa representação a partir do modelo triárquico (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

1.5 AVALIAÇÃO DA PSICOPATIA

1.5.1 Fundamentos da Escala Levenson

A escala LSRP (Levenson Self-Report Psychopathy Scale) foi desenvolvida por Levenson e colaboradores em 1995 para avaliar características da psicopatia em população não forense sob forma de autorrelato. O desenvolvimento da escala se fundamentou na concepção bidimensional da psicopatia, proposta por Karpman, na qual os traços da psicopatia primária e secundária apresentam diferenças, em especial, pelo neuroticismo presente na psicopatia secundária, considerando, inclusive, as suas distintas expressões nas evidências empíricas, na qual um indivíduo com traços de psicopatia secundária pode ter poucos traços da psicopatia primária (Sellbom et al, 2018).

A ideia central da escala desenvolvida diz respeito a um instrumento capaz de avaliar os traços psicopáticos enquanto um contínuo dimensional presente na população geral e, ao mesmo tempo, poder avaliar distintamente estes traços sob as formas primária e secundária da

psicopatia. Os itens que compõem a escala contemplam um estilo interpessoal e ideais típicos da psicopatia que podem ser encontrados nas pessoas comuns (Levenson, Kiehl & Fitzpatrick, 1995).

Os itens que avaliam a psicopatia primária estão relacionados à inclinação para mentir, ausência de remorso, manipulação e enganosidade. Já os itens que avaliam a psicopatia secundária são relativos à impulsividade, cólera, ausência de objetivos a longo prazo e intolerância à frustração. Atitudes pró-sociais (pontuadas negativamente) egoístas e indiferentes estão presentes nos itens que avaliam a psicopatia primária no estilo pessoal, enquanto impulsividade e pessimismo compõem os itens que avaliam o estilo pessoal próprio da psicopatia secundária (Levenson, Kiehl & Fitzpatrick, 1995).

Embora a escala possua boas propriedades psicométricas, uma questão que surge concerne a correlação entre as duas escalas, primária e secundária, considerando que, tradicionalmente, possuem bases etiológicas distintas, podendo, inclusive, apresentar algum grau de correlação negativa. Levenson e colaboradores descobriram que amostras de homens tendem a pontuar significativamente mais alto que as mulheres em ambas as escalas (Sellbom et al, 2018).

1.5.2 Fundamentos da Escala Dirty Dozen

A escala foi desenvolvida por Jonason e Webster em 2010 almejando o desenvolvimento de um instrumento avaliativo da *Dark Triad* (Tríade Sombria) numa versão concisa, onde pouparia tanto o avaliador quanto o participante no sentido de esforços e tempo despendido, além de eliminar uma quantidade razoável de itens redundantes. Tradicionalmente, a escala da Tríade Sombria é composta por três construtos, independentes entre si, mas com algum grau de sobreposição: Maquiavelismo, Narcisismo e Psicopatia (Jonason & Webster, 2010).

O construto Maquiavelismo se refere a um aporte de estratégias interpessoais que visam garantir um interesse próprio do indivíduo, envolvendo manipulação e enganabilidade. Seria presumível esperar que indivíduos com alto grau de maquiavelismo apresentassem destaque social e inteligência elevada, porém, estudos demonstraram a ausência de correlação entre alto maquiavelismo com inteligência e sucesso profissional ou social (Ames & Kidd, 1979). É esperado que indivíduos com alto grau de maquiavelismo estão propensos a se preocuparem mais consigo próprios em detrimento dos demais, assim, torna-se previsível uma correlação negativa do maquiavelismo com a empatia, e esperada uma relação mais próxima deste com a psicopatia primária (Jakobwitz & Egan, 2006).

O construto Narcisismo deriva das formulações psicodinâmicas as quais teorizam que as feridas narcísicas promovem um atraso no desenvolvimento da personalidade além de uma forte raiva conduzida por sentimentos de vergonha nestes indivíduos. Envolve busca por atenção, foco elevado em si próprio, extrema vaidade, superioridade, exploração nas relações interpessoais, autoritarismo e arrogância. Por fim, o construto de Psicopatia está atrelado à frieza nas relações interpessoais, impulsividade e antagonismo nas relações sociais (Jakobwitz & Egan, 2006).

1.6 PSICOPATIA E CONSTRUTOS ASSOCIADOS

1.6.1 Impulsividade e Neuroticismo

A discussão acerca da presença da impulsividade na conduta psicopática remonta o modelo tradicional que pressupunha um mecanismo de base subjacente às ações delinquentes e criminosas, o qual, decorrente de um déficit no processamento emocional, estaria por trás das condutas impulsivas e antissociais. Numa concepção moderna, a compreensão desta característica na personalidade psicopática pode ser pensada a partir do modelo triárquico, especialmente considerando os construtos de *Boldness* e *Disinhibition* (Patrick, 2018).

Os construtos *Boldness* e *Disinhibition* são compreendidos, na atualidade, como duas das três dimensões centrais da psicopatia que embora sobrepostos em algum nível, são independentes entre si e podem ser estudados e avaliados separadamente. *Boldness* envolve uma capacidade de manter a calma em situações de estresse ou perigo, tolerância a pressão e a eventos aversivos, audácia, confiança e domínio social, busca por adrenalina. É uma manifestação fenotípica que abrange excessiva autoconfiança e ousadia como fruto de um déficit nos sistemas cerebrais defensivos que processam estímulos aversivos e perigosos (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

Disinhibition é compreendida como uma manifestação fenotípica que incide sobre os problemas de controle dos impulsos, incluindo falta de planejamento e previsão, prejuízo na regulação de afetos e de comportamentos, e insistência na gratificação imediata. Os indivíduos com alto grau de *Disinhibition* são mais propensos a serem inconsequentes, agressivos e impulsivos (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

Este último construto, embora seja conceituado com bases etiológicas distintas, parece convergir significativamente com um grau de neuroticismo e reatividade, mais característicos da psicopatia secundária. Além do mais, a discussão que segue se detém no quanto os domínios de *Disinhibition* e *Boldness* subjazem a impulsividade e neuroticismo presentes na personalidade e conduta da psicopatia e se combinam para estas manifestações.

Os indivíduos com alta tendência à desinibição estão entre os que apresentam problemas comportamentais, conduta impulsiva, inconsequente e delinquente. Tais indivíduos possuem um alto grau de neuroticismo e reatividade emocional negativa, estando propensos a psicopatologias ansiosas e depressivas. No entanto, esta perspectiva contraria o modelo clássico da psicopatia que envolve condutas frias e calculadas, além de um baixo nível de ansiedade (Patrick, 2018).

Sendo assim, Patrick (2018) conceitua que tal ocorrência deveria combinar um fator supressor das tendências neuróticas e, não obstante, inócuo em relação às inclinações impulsivas e desinibitórias. Uma característica constitucional, desta natureza, é compatível com o construto *Boldness*, que reflete a expressão de um temperamento intrépido em diferentes contextos funcionais. Portanto, nas expressões mais severas da psicopatia, haveria a combinação atuante das dimensões de *Boldness* e *Disinhibition*.

Em consonância com esta proposição, os achados empíricos demonstram que ambos os domínios da psicopatia podem ocorrer simultaneamente entre os indivíduos, além disso, os estudos realizados por Benning *et al* (2003) e Brisling *et al* (2015) evidenciaram uma correlação negativa entre *Boldness* e traços de ansiedade, medo e neuroticismo. Concluíram que a presença deste domínio nas escalas de psicopatia diminui as associações entre os escores destas com outros instrumentos avaliativos que contenham traços de neuroticismo, medo, ansiedade e sintomatologia ansiosa ou depressiva (Patrick *et al*, 2018).

Desta forma, pode-se presumir que nas formas mais expressivas da psicopatia a impulsividade se manifestaria de maneira independente em relação aos traços de neuroticismo, no entanto, poderíamos encontrar indivíduos que apresentariam características significativas dos domínios da psicopatia com traços de ansiedade, medo e reatividade afetiva negativa. Tal possibilidade converge com a conceituação da variação secundária da psicopatia.

1.6.2 Empatia

Desde a sua formulação prototípica já eram constatadas a insensibilidade e ausência de preocupação com os semelhantes como características da psicopatia. As definições contemporâneas da personalidade psicopática indicam uma disfunção afetiva por trás da conduta antissocial. Esta disfunção abrange uma diminuição significativa na capacidade de se

preocupar com os outros, reduzida culpa, ausência de empatia e incapacidade de criar laços com as pessoas (Patrick, 2018).

Esta faceta da psicopatia vem sendo estudada cada vez mais, considerando que tais características são cruciais na avaliação e no estudo do desenvolvimento da personalidade psicopática. Estudos realizados por Leitisco *et al* (2008) demonstraram que a insensibilidade presente na psicopatia está associada a condutas antissociais e criminosas mais graves e violentas. Quando o padrão antissocial está atrelado com o traço de insensibilidade e frieza, maior a severidade do transtorno psicopático (Patrick, 2018).

A empatia, ou melhor, a sua ausência enquanto característica da psicopatia pode ser compreendida pelo modelo triárquico a partir do construto de *Meanness*. Este domínio da personalidade psicopática está associado com uma defasagem na empatia, falta de apego, exploração dos demais, rebeldia e busca por poder envolvendo crueldade. Patrick e colaboradores (2009) consideram bases etiológicas neurobiológicas para tal manifestação, considerando que os indivíduos com alto grau de *Meanness* estão mais propensos a agir segundo os seus interesses em prejuízo dos demais.

Drislane & Patrick (2017) demonstraram que o construto *Meanness* possui correlações positivas com *Boldness* e *Disinhibition* e suas variáveis latentes. Patrick *et al* (2018) teoriza que um alto grau de *Meanness* seria responsável pela pobreza afetiva, incapacidade para amar, ausência de remorso ou vergonha, além de ser um elemento chave para a ocorrência dos casos mais graves de psicopatia. Em outras palavras, esta faceta fenotípica da psicopatia estaria operando em cooperação com as demais e estaria presente nos indivíduos que apresentam alto escore nos inventários de psicopatia.

1.6.3 Processamento Cognitivo e Emocional

Uma defasagem na modulação de respostas emocionais e atencionais foi observada desde os primórdios das conceituações sobre a psicopatia. Fazia parte da proposição de um modelo unitário subjacente ao transtorno, o qual pressupôs um déficit no processamento emocional generalizado, como teorizado por Cleckley. Além do estudo experimental de Lykken, que evidenciou que os indivíduos psicopatas apresentaram maior dificuldade em tarefas de aprendizado que envolviam a evitação de estimulação aversiva, pondo em relevo uma defasagem no processamento de estímulos na psicopatia.

No modelo triárquico, o processamento emocional nos indivíduos com alto grau de psicopatia apresentaria prejuízos notáveis, expressos sob os traços de personalidade já preconizados pelos avanços conceituais que constituem o modelo. Tais déficits na resposta a estímulos e no processamento emocional são relativos a mecanismos neurobiológicos que envolvem específicas regiões cerebrais em interação, especialmente a região da amígdala e estruturas associadas. Disfunções nas regiões cerebrais de processamento da dor são teorizadas como igualmente favoráveis para prejuízos na sensibilidade emocional e responsividade ao sofrimento físico alheio (Patrick, 2018).

Tais proposições convergem para a hipótese da modulação de respostas na psicopatia, a qual reúne evidências empíricas de estudos experimentais que verificaram nos indivíduos com alto grau de psicopatia uma reduzida capacidade de processar estímulos que estejam fora do foco atencional imediato, aversivos ou não, além de uma fragilidade no processamento de estímulos com valência emocional. A ideia central gira em torno de que tais déficits constituem a base para uma incapacidade de restringir condutas transgressoras, antissociais e delitivas, igualmente para a falta de cooperação e reciprocidade nas relações humanas (Hauck Filho, 2013).

1.6.4 Hipóteses

Considerando que o Inventário Clínico Dimensional (IDCP-2), o Questionário on-line de Empatia (QoE) e o Teste de Organização de Histórias Emocionais (TOHE) avaliam ampla faixa dos traços da personalidade bem como o processamento emocional dos avaliados, espera-se que resultados significativos advenham a partir das correlações encontradas com a aplicação das escalas de psicopatia, servindo aos propósitos da presente pesquisa. Neste sentido, a análise da presente pesquisa propõe três caminhos de estudo fundamentados a partir de três hipóteses relativas aos diferentes instrumentos avaliativos utilizados nesta pesquisa como critérios externos para a investigação dos traços da psicopatia.

A primeira hipótese gira em torno das correlações que deverão se apresentar entre os fatores das escalas de psicopatia com os subfatores selecionados do IDCP-2. Em relação ao componente de rebaixamento empático da personalidade psicopática, a primeira hipótese aguarda correlações positivas moderadas e fortes entre os fatores Maquiavelismo e Psicopatia da D-12 e o fator 1 da Levenson com os subfatores Desapego Interpessoal, Inexpressividade Emocional, Superficialidade Interpessoal e Indiferença.

Ainda constituindo a primeira hipótese, no tocante ao aspecto da manipulação e mentira patológica, esperam-se correlações moderadas e fortes entre os subfatores do IDCP-2 que avaliam este traço, sendo eles Sedução e Manipulação, Superficialidade Interpessoal, Dominância e Enganosidade, especialmente com o fator Maquiavelismo da D-12, e igualmente com Psicopatia e o fator 1 da Levenson, avaliativos deste componente dentro do espectro da psicopatia primária.

Esperam-se correlações moderadas e fortes com os itens do IDCP-2 que avaliam agressividade (Violência e Antagonismo) com todos os fatores das escalas de psicopatia, com uma magnitude menor em relação ao Narcisismo da D-12, e impulsividade (Inconsequência,

Tomada de risco) com magnitude alta de correlação positiva com ambos os fatores da Levenson que avaliam esta característica, e correlações moderadas com Psicopatia e Maquiavelismo da D-12. Verificar-se-á se os resultados obtidos podem engendrar um escore próprio do IDCP-2 para a avaliação da psicopatia.

A segunda hipótese a ser testada refere-se aos resultados esperados das correlações entre os fatores do *QoE* e das escalas de psicopatia. Como preconizado pela literatura, existe nos indivíduos com alto grau de psicopatia uma expressiva defasagem na capacidade empática, considerando isto, esperam-se correlações negativas fortes entre a empatia cognitiva, compassiva e afetiva com os fatores das escalas de psicopatia que avaliam um rebaixamento destes componentes, Maquiavelismo, Psicopatia e o Fator 1 da Levenson.

Por fim, a terceira hipótese espera a verificação de uma defasagem no processamento emocional dos indivíduos com pontuações mais altas nos traços de psicopatia, em seu desempenho no TOHE, o qual avalia o processamento emocional e cognitivo a partir da tarefa de organizar e sequenciar situações de valência emocional. Sendo assim, especialmente o fator Socialização do TOHE deverá apresentar correlações negativas moderadas com os fatores das escalas de psicopatia que envolvem a avaliação do prejuízo emocional, considerado o fator 1 da Levenson, Maquiavelismo e Psicopatia.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 MÉTODO

2.1.1 Delineamento

Foi realizado um estudo correlacional, *ex post facto*, com ênfase na validação das escalas de psicopatia (Levenson e Dirty Dozen) verificada a partir do grau associativo entre construtos relacionados com a personalidade psicopática avaliados por outros instrumentos.

2.1.2 Participantes

Participaram desta pesquisa 309 pessoas da população geral, com idades variando entre 18 e 66 anos, $M = 31,20$ e $DP = 11,60$, sendo 51,8% do sexo masculino, prevalecendo ensino médio completo ou em curso na amostra selecionada. Foram excluídos os dados coletados por indivíduos com idade inferior aos 18 anos.

2.1.3 Instrumentos

Os participantes responderam, em tempo igual ou superior a um dia, o questionário sociodemográfico e os demais instrumentos empregados na pesquisa: a Escala Levenson, o Dirty Dozen, o Inventário Clínico Dimensional, o Teste de Organização de Histórias Emocionais e o Questionário *Online* de Empatia.

2.1.3.1 Questionário sociodemográfico

O questionário tem o propósito de levantar questões sociodemográficas que potencialmente podem estar relacionadas ao desempenho nos testes psicológicos. Serão

coletados os seguintes dados: data de nascimento (para cálculo da idade), sexo, escolaridade e estado onde reside. Outros dados que possam identificar o participante não serão coletados.

2.1.3.2 Escala Levenson - self-report psychopathy scale (LSRP)

A Escala Levenson é um dos instrumentos de autorrelato mais usados para a avaliação da psicopatia, composto por 26 itens avaliados em escala *Likert* (1=discordo totalmente a 5=concordo totalmente), distribuídos em dois eixos: psicopatia primária e psicopatia secundária. Foi adaptada ao Brasil por Hauck-Filho e Teixeira (2014).

2.1.3.3 Dirty Dozen (D-12)

O D-12 é um inventário de autorrelato composto por 12 itens que avaliam aspectos negativos de personalidade como narcisismo, psicopatia e maquiavelismo, também chamados de tríade sombria. A escala foi traduzida e adaptada para o Brasil (Hauck Filho, Carvalho, & Jonason, 2015).

2.1.3.4 Inventário clínico dimensional (IDCP-2)

É um inventário composto por 210 frases sobre sentimentos ou comportamentos que o participante deve assinalar em uma escala indica a frequência deles (de nunca a sempre). São avaliados 12 fatores patológicos de personalidade, que agrupam facetas (Carvalho & Primi, no prelo). Para a presente pesquisa, as seguintes facetas foram utilizadas, de acordo com a expectativa teórica de relação com psicopatia: Antagonismo, Violência, Desapego Interpessoal, Inexpressividade Emocional, Sedução e Manipulação, Superficialidade Interpessoal, Superioridade, Dominância, Indiferença, Inconsequência, Tomada de Risco, e Enganosidade.

2.1.3.5 Questionário online de empatia (QoE)

O QoE é um instrumento de autorrelato que avalia três fatores da empatia: afetiva, relacionada a sentir as mesmas emoções que as outras pessoas; cognitiva, relacionada a compreender os motivos das outras pessoas sentirem o que sentem e respeitá-los; e compassiva, relacionada a disponibilizar-se para ajudar os outros. O QoE demonstrou adequados índices de precisão e evidências de validade por meio de correlações com outros construtos relacionados, como socialização e vivência de afetos positivos (Miguel, Hashimoto, Gonçalves, Oliveira, & Wiltenburg, 2018).

2.1.3.6 Teste de organização de histórias emocionais (TOHE)

O TOHE é um teste online cuja tarefa do avaliando é organizar desenhos coloridos em uma história com coerência cronológica. No topo da tela é mostrada uma quantidade fixa de quadros (de 3 a 5, dependendo do item), indicando quantos quadros a história deve conter. Logo abaixo são apresentados os quadros que podem compor a história, de maneira embaralhada e sempre em quantidade maior do que cabe na história. Dois escores foram propostos para o TOHE: organização e sociabilidade. O escore de organização é pontuado se as histórias seguem uma sequência cronológica coerente, estando associado à compreensão emocional. Já o escore de sociabilidade é pontuado quando o avaliando inclui desenhos disfóricos na história (como tristeza, angústia ou medo) ou aspectos de interação social negativa (como brigas ou agressão física) ou positiva (como ajuda ou cooperação) (Miguel, 2021).

2.1.4 Procedimentos

Para a realização deste estudo, os instrumentos empregados foram disponibilizados em plataforma *online*. A amostra selecionada se deu por meio da divulgação do link de pesquisa nas redes sociais. No acesso imediato, os participantes visualizaram o convite para a pesquisa, sendo informados sobre o seu conteúdo e os seus objetivos, assinalando o termo de consentimento (TCLE) antes de iniciar os testes, no qual foi enfatizado o caráter voluntário da pesquisa, podendo o participante desistir a qualquer tempo. Também lhes foi assinalada a devolutiva total e parcial que seria gerada após a conclusão de todas as respostas, revelando as suas pontuações e gerando uma interpretação sumarizada sobre as mesmas.

2.1.5 Análise de Dados

A primeira etapa se deu pela análise descritiva das médias obtidas em todos os instrumentos, dos seus respectivos fatores e subfatores, a fim de se obter uma visão global dos resultados encontrados que subsidiou as análises posteriores. Para se verificar o grau de correlação entre os construtos avaliados pelos diferentes instrumentos utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson, calculado pelo programa estatístico SPSS.

A análise subsequente procurou qualificar o grau de correlação obtido entre os diferentes fatores dos diferentes instrumentos e a partir destes resultados, verificar as três hipóteses previamente estabelecidas. Resumindo, verificar se os itens do ICPD-2 apresentaram correlações positivas com os itens das escalas de psicopatia, e se os fatores da QoE e do TOHE apresentaram correlações negativas com os mesmos, conforme esperado.

Os estudos que decorrem a partir dos resultados procurarão respaldar os mesmos com base nas conceituações teóricas que abrangem a psicopatia e seus traços de personalidade associados. Neste sentido, os graus de correlação obtidos entre os traços da personalidade psicopática avaliados pelos diferentes instrumentos deverão estar em conformidade com os pressupostos teóricos previamente estabelecidos, a presente pesquisa, assim, poderá oferecer evidências empíricas para a validação das escalas Levenson e Dirty Dozen.

2.2 Resultados e Discussão

Na Tabela 1 estão apresentadas as estatísticas descritivas das pontuações obtidas na aplicação dos instrumentos utilizados nesta pesquisa. Os escores fatoriais e o escore geral do QoE, assim como os escores bifatoriais do TOHE, foram transformados em escores Z (média 0,00 e desvio padrão 1,0), revelando que a média da pontuação obtida pela amostra foi próxima da expectativa normativa. Quanto aos escores do IDCP-2, que possui normatização brasileira, a média da pontuação da amostra para os doze fatores foi próxima da esperada.

Tabela 1**Estatísticas Descritivas dos Testes Correlacionados com D-12 e Levenson**

Escore	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Lev_F1 (<i>n</i> = 309)	25,93	6,47	16	44
Lev_F2 (<i>n</i> = 309)	22,59	5,22	10	35
Lev_T (<i>n</i> = 309)	48,52	9,45	26	73
DT_Narc (<i>n</i> = 309)	10,26	4,72	4	20
DT_Psych (<i>n</i> = 309)	6,58	3,14	4	20
DT_Mach (<i>n</i> = 309)	6,14	3,01	4	20
DT_T (<i>n</i> = 309)	22,98	8,69	12	60
IDCP-2/Ag1 (<i>n</i> = 309)	1,63	0,54	1,00	3,57
IDCP-2/Ag2 (<i>n</i> = 309)	1,68	0,52	1,00	3,56
IDCP-2/Ex1 (<i>n</i> = 309)	2,03	0,80	1,00	4,00
IDCP-2/Ex6 (<i>n</i> = 309)	1,79	0,70	1,00	4,00
IDCP-2/Nec1 (<i>n</i> = 309)	1,93	0,84	1,00	4,00
IDCP-2/Nec4 (<i>n</i> = 309)	2,30	0,88	1,00	4,00
IDCP-2/G2 (<i>n</i> = 309)	1,80	0,75	1,00	4,00
IDCP-2/G3 (<i>n</i> = 309)	1,95	0,67	1,00	4,00
IDCP-2/G4 (<i>n</i> = 309)	1,47	0,59	1,00	4,00
IDCP-2/Imp1 (<i>n</i> = 309)	1,65	0,63	1,00	4,00
IDCP-2/Imp2 (<i>n</i> = 309)	1,46	0,61	1,00	4,00
IDCP-2/Imp3 (<i>n</i> = 309)	1,51	0,58	1,00	3,67
QoE_Tz (<i>n</i> = 309)	0,20	0,98	-3,05	2,40
QoE_F1z (<i>n</i> = 309)	0,17	0,94	-2,60	2,28
QoE_F2z (<i>n</i> = 309)	0,16	1,03	-2,88	2,21
QoE_F3z (<i>n</i> = 309)	0,06	0,92	-3,34	2,03
toheOz (<i>n</i> = 79)	0,16	0,96	-2,24	1,76
toheSz (<i>n</i> = 79)	0,29	0,87	-2,15	2,64

2.3 IDCP-2 E CORRELAÇÕES COM AS ESCALAS LEVENSON E DIRTY DOZEN

As tabelas 2 e 3 apresentam os índices correlacionais entre os fatores das escalas de psicopatia e os subfatores selecionados do IDCP-2.

Tabela 2

Correlações de Pearson da Escala Dirty Dozen com os Subfatores do IDCP-2

IDCP-2	Narcisismo	Psicopatia	Maquiavelismo	D-12 total
Antagonismo	0,37**	0,48**	0,46**	0,53**
Violência	0,32**	0,49**	0,42**	0,50**
Desapego Interpessoal	0,11	0,25**	0,13*	0,20**
Inexpressividade Emocional	0,11	0,38**	0,17**	0,26**
Sedução e Manipulação	0,31**	0,27**	0,42**	0,41**
Superficialidade Interpessoal	0,12*	0,05	0,25**	0,17**
Superioridade	0,26**	0,16**	0,21**	0,28**
Dominância	0,29**	0,25**	0,37**	0,38**
Indiferença	0,22**	0,37**	0,24**	0,34**
Inconsequência	0,24**	0,28**	0,31**	0,34**
Tomada de Risco	0,26**	0,43**	0,39**	0,42**
Enganosidade	0,50**	0,51**	0,67**	0,68**

Tabela 3**Correlações de Pearson da Escala Levenson com os Subfatores do IDCP-2**

IDCP-2	Lev 1	Lev 2	Lev Total
Antagonismo	0,50**	0,27**	0,50**
Violência	0,48**	0,41**	0,56**
Desapego Interpessoal	0,27**	0,37**	0,42**
Inexpressividade Emocional	0,31**	0,19**	0,32**
Sedução e Manipulação	0,31**	-0,03	0,18**
Superficialidade Interpessoal	0,08	-0,08	0,02
Superioridade	0,25**	-0,04	0,14*
Dominância	0,28**	-0,14*	0,11
Indiferença	0,42**	0,18**	0,40**
Inconsequência	0,34**	0,53**	0,53**
Tomada de Risco	0,37**	0,24**	0,38**
Enganosidade	0,58**	0,25**	0,53**

Conforme assinalado anteriormente, a primeira hipótese a ser testada refere-se aos resultados das correlações encontradas entre os fatores do IDCP-2 com as escalas de psicopatia. Dos subfatores selecionados do IDCP-2, Superficialidade Interpessoal, Superioridade e Dominância foram os que apresentaram menor grau de correlação positiva com os fatores das escalas de psicopatia, inferiores a 0,30. Superficialidade Interpessoal envolve a crença de poder

estabelecer com facilidade vínculos com outras pessoas, Superioridade é descrita como crenças e ideias sobre ser melhor que os demais, e Dominância refere-se à identificação que o sujeito faz de si para usar a manipulação e facilidade para conseguir as coisas para si.

Como descrito por Patrick (2018), um forte traço da personalidade psicopática envolve uma incapacidade de estabelecer laços sociais e apego emocional, vinculando esta característica ao domínio *Meanness* enquanto uma expressão fenotípica da psicopatia. Superficialidade Interpessoal, tal como é descrita, estaria próxima deste atributo, no entanto o baixo grau de correlação obtido pode se justificar por esta característica tal como descrita no IDCP-2, envolver algum grau de crença, pois, em teoria, deveria estar positivamente correlacionada com a psicopatia primária.

Superioridade parece estar relacionada mais fortemente com o fator Narcisismo da D-12, que envolve uma reatividade defensiva do desenvolvimento e um interesse em si em detrimento dos demais (Jakobwitz & Egan, 2006). Este atributo poderia estar, igualmente, vinculado à psicopatia primária à medida que envolve algum grau de insensibilidade em relação aos demais (Hicks & Drislane, 2018). Os resultados demonstraram correlações positivas deste subfator do IDCP-2 com todos os fatores das escalas de psicopatia, o que permite interpretar, especificamente, que o Narcisismo da D-12 e o subfator Superioridade não estão avaliando o mesmo construto.

O subfator Dominância envolve um traço de manipulação fortemente associado à psicopatia, desde as suas concepções iniciais, sendo uma das principais características da psicopatia primária (Hicks & Drislane, 2018). Os resultados apresentaram correlações fracas com os fatores das escalas de psicopatia, com a exceção do fator Maquiavelismo da D-12 (0,37), que apresentou correlação positiva moderada. Indiferença que envolve uma apatia pelos problemas dos outros, apresentou correlação positiva moderada com Psicopatia da D-12.

Desapego Interpessoal, Inexpressividade Emocional, Sedução e Manipulação apresentaram correlações moderadas e fracas com os fatores das escalas de psicopatia. Os resultados mais relevantes indicaram, especificamente, uma correlação positiva moderada (0,37) entre o Desapego Interpessoal e o segundo fator da Levenson (Lev F2). O subfator Inexpressividade Emocional se correlacionou positivamente em grau moderado com o fator Psicopatia da D-12 (0,38) e o fator 1 da Levenson (0,31). O subfator Sedução e Manipulação apresentou correlação positiva moderada com Narcisismo (0,31) e o fator 1 da Levenson (0,31), e correlação positiva forte com Maquiavelismo (0,41).

Desapego Interpessoal é descrito como um traço que envolve a tendência ao desapego nas relações interpessoais, desinteresse e desadaptação nas relações sociais. Em teoria, este traço estaria mais fortemente associado com as tendências da psicopatia primária, considerando o padrão relacional da psicopatia conceituado como envolvendo desapego, frieza emocional e explorações egoístas (Hicks & Drislane, 2018). Os resultados indicaram uma associação maior com o fator 2 da Levenson, embora não tão distante da correlação com o fator 1 da mesma e Psicopatia da D-12. Possivelmente, os aspectos da psicopatia secundária da Levenson que envolvem pessimismo e intolerância à frustração são mais relevantes e possuem maior associação com o Desapego Interpessoal do IDCP-2.

O rebaixamento das vivências e expressões emocionais constituem o subfator Inexpressividade Emocional, o qual apresentou correlações positivas moderadas com a Psicopatia da D-12 e o Fator 1 da Levenson. Este resultado se mostrou em conformidade com as conceituações acerca da reduzida capacidade de expressão e vivências emocionais da psicopatia, considerando esta característica mais pertinente a psicopatia primária (Skeem *et al*, 2011).

Sedução e Manipulação envolvem comportamentos e atitudes de manipulação para se obter a atenção e o interesse dos demais. A correlação positiva moderada com o Maquiavelismo da D-12 e as correlações moderadas com Narcisismo e a psicopatia primária da Levenson sugerem que estes fatores estão avaliando uma característica comum da personalidade psicopática, a qual se refere à manipulação e exploração dos demais para se atingir os objetivos individuais.

Os resultados mais expressivos se mostraram a partir dos fatores Agressividade e Impulsividade do IDCP-2. Antagonismo e Violência compõem o fator Agressividade, o primeiro está relacionado à conduta agressiva, interesse por violência, iniciativas de repressão e imposição enquanto Violência envolve agressividade física, vivências de descontrole de raiva, comportamento agressivo físico e moral dirigido aos outros.

Os dados revelam correlações positivas fortes (em torno de 0,50) com o fator 1 da Levenson (psicopatia primária) e com Psicopatia e Maquiavelismo da D-12, correlações moderadas e baixas com Narcisismo e o fator 2 da Levenson. Neste sentido, as correlações parecem confirmar que a agressividade avaliada pelo IDCP-2 está mais associada a uma frieza afetiva e interpessoal, ou seja, com traços da psicopatia primária que a uma raiva ou cólera decorrente de reatividade emocional, mais característica da psicopatia secundária.

Inconsequência é o primeiro subfator da Impulsividade e refere-se à tendência a exibir impulsividade, a ser imprudente e tomar decisões precipitadamente. Este subfator apresentou correlações baixas e moderadas com os fatores das escalas de psicopatia, no entanto, a correlação positiva com o fator 2 da Levenson se mostrou forte (0,53). Este resultado parece confirmar o traço da impulsividade presente na psicopatia secundária, tal como é teorizado e avaliado pela Levenson.

Tomada de Risco abrange um estilo aventureiro e imprudente, com tendência a tomada de riscos e busca por situações perigosas. Este traço se associa com as características descritas pelo modelo triárquico relacionadas à desinibição, impulsividade e busca por atividades de risco (Patrick, Fowles & Krueger, 2009). As correlações positivas com os fatores das escalas de psicopatia foram moderadas (em torno de 0,40), o que sugere que esta característica não está fortemente presente nos fatores avaliativos da psicopatia nas escalas Levenson e D-12.

Por fim, Enganosidade é relativa a uma tendência por controlar, enganar e mentir para as pessoas almejando atingir seus objetivos. É uma característica fortemente associada à psicopatia primária e contemplada pelos fatores Maquiavelismo e Psicopatia da D-12. Os dados revelaram correlações positivas fortes (em torno de 0,60) para Narcisismo, Psicopatia e Maquiavelismo, assim como para o fator 1 da Levenson, relativo à psicopatia primária. O fator 2 da Levenson apresentou correlação positiva fraca com este subfator.

Os dados revelaram que os fatores da escala Dirty Dozen que apresentaram maior associação com os subfatores do IDCP-2 foram Maquiavelismo e Psicopatia. Narcisismo apresentou correlações positivas fracas em sua maioria, exceto pelo subfator Enganosidade cuja correlação positiva foi em torno de 0,50, uma vez que este último envolve propensão a mentir e enganar os demais almejando algum benefício próprio, o que é pertinente com a teoria por trás deste construto a qual atribui ao Narcisismo uma psicodinâmica de busca por interesses individuais em prejuízo dos demais (Jakobwitz & Egan, 2006).

O fator Psicopatia da D-12 apresentou correlações positivas moderadas (em torno de 0,40) com Inexpressividade Emocional e Indiferença. Ambos os subfatores refletem traços relativos a uma redução da capacidade empática e de expressão afetiva, emocional. Estes resultados geram uma grande probabilidade de que estes subfatores do IDCP-2 estejam

refletindo o traço da redução da capacidade empática e expressividade emocional presentes na personalidade psicopática, representada, neste caso, pelo fator Psicopatia da D-12.

Neste sentido, pode-se compreender que o fator Psicopatia da D-12 está bastante relacionado com a frieza emocional que é descrita pelo modelo triárquico a partir do construto *Meanness*. Este traço da personalidade psicopática considera uma tendência dos indivíduos que o possuem em alto grau ao desapego nas relações interpessoais, assim como uma defasagem dos processos emocionais e empáticos considerados normais aos demais indivíduos (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

Em consonância, o Maquiavelismo da D-12 parece relacionado a outra faceta do mesmo construto. Este fator apresentou correlações positivas moderadas, em torno de 0,40, com Sedução e Manipulação e Dominância do IDCP-2. Ambos os subfatores envolvem condutas e estilos interpessoais de manipulação para se obter o que se deseja. Assim, pode-se dizer que Maquiavelismo, Dominância, Sedução e Manipulação estão avaliando o traço da personalidade psicopática associado à manipulação.

Esta característica é amplamente conhecida e descrita nas conceituações da psicopatia desde a sua concepção prototípica. É teorizado, a partir do modelo triárquico, que nos indivíduos que apresentam alto grau de *Meanness* existe uma propensão à manipulação e exploração das outras pessoas, podendo haver a participação de crueldade e violência no desempenho desta conduta (Patrick, 2018).

Maquiavelismo e Psicopatia revelaram fortes correlações positivas (em torno de 0,50) com Antagonismo e Violência, sendo que ambos os subfatores do IDCP-2 se relacionam a interesse, vivências e comportamentos de agressividade. É possível interpretar que estes fatores estejam avaliando o componente agressivo da personalidade psicopática que pressupõe um padrão de violência e agressividade nas relações interpessoais (Patrick, 2018).

Os mesmos dois fatores da D-12 apresentaram correlações positivas moderadas (próximo de 0,40) com Tomada de Risco (Imp2) que reflete imprudência e busca por atividades de risco, e correlações positivas fortes, em torno de 0,60, com Enganosidade, o qual está relacionado à tendência ao controle dos demais por meio de mentiras e enganações para se atingir os objetivos próprios.

Novamente, estes resultados confirmam que tanto Maquiavelismo quanto Psicopatia da D-12 estão avaliando os traços de manipulação, exploração dos demais e enganosidade presentes na personalidade psicopática. Estes dados confirmam a conceituação teórica acerca do antagonismo nas relações sociais e das condutas que visam garantir o benefício próprio em detrimento das outras pessoas (Jakobwitz & Egan, 2006).

Em relação à Escala Levenson, os resultados se mostraram mais expressivos em relação ao seu primeiro fator (Lev1). O segundo fator da Levenson apresentou correlações positivas e negativas fracas com todos os subfatores do IDCP-2, com exceção do Desapego Interpessoal e Violência, cuja correlação positiva foi moderada (em torno de 0,40) e com Inconsequência, cuja correlação positiva se mostrou forte (0,53). Segundo Levenson, Kiehl & Fitzpatrick (1995) a psicopatia secundária se associa com um grau de pessimismo, ausência de objetivos e impulsividade, portanto, este resultado é pertinente com a teoria de base no sentido de evidenciar a relação entre a psicopatia secundária e a ausência de ponderação e contenção dos impulsos.

Os dados revelaram maiores associações entre o fator avaliativo da psicopatia primária da Levenson (Lev1) com os subfatores Antagonismo, Violência, Indiferença e Enganosidade, correlações positivas superiores a 0,40. Estes subfatores caracterizam aspectos da personalidade relativos à agressividade, ausência de empatia, manipulação e exploração dos demais. Este resultado é bastante coerente com aquilo que foi teorizado acerca da psicopatia primária, a qual

presume uma tendência à mentira, ausência de remorso e empatia e enganiosidade (Levenson, Kiehl & Fitzpatrick, 1995).

2.4 QoE e TOHE E CORRELAÇÕES COM A D-12 E LEVENSON

As tabelas 4 e 5 apresentam os índices correlacionais entre os fatores das escalas de psicopatia com os fatores do QoE e do TOHE, respectivamente

Tabela 4

Correlações de Pearson da Escala Dirty Dozen com os fatores do QoE e TOHE

QoE e TOHE	Narcisismo	Psicopatia	Maquiavelismo	D-12 total
QoE Total	-0,22**	-0,46**	-0,25**	-0,36**
Responsividade	-0,09	-0,38**	-0,17**	-0,24**
Respeito	-0,28**	-0,36**	-0,29**	-0,37**
Disponibilidade	-0,10	-0,20**	-0,11*	-0,16**
Organização	-0,01	-0,10	0,12	-0,03
Socialização	-0,16	-0,19	0,00	-0,19

Tabela 5**Correlações de Pearson da Escala Levenson com os fatores do QoE e TOHE**

QoE e TOHE	Lev 1	Lev 2	Lev Total
QoE Total	-0,48**	-0,24**	-0,47**
Responsividade	-0,35**	0,01	-0,23**
Respeito	-0,40**	-0,31**	-0,46**
Disponibilidade	-0,29**	-0,32**	-0,39**
Organização	-0,07	-0,07	-0,08
Socialização	-0,35**	-0,18	-0,30**

Neste estudo, a segunda e a terceira hipótese, anteriormente descritas, serão verificadas a partir dos resultados encontrados. Conforme o esperado, os fatores que compõem o Questionário Online de Empatia apresentaram correlações negativas com os fatores das escalas de psicopatia. Especificamente na D-12, foram obtidos graus de correlação negativa fraca entre os fatores Maquiavelismo e Narcisismo com os três fatores do QoE. O fator Psicopatia da D-12 apresentou correlações negativas moderadas (próximas a -0,40) com os fatores Responsividade (F1) e Respeito (F2) do QoE, porém a correlação negativa com o terceiro fator da mesma foi fraca (-0,20).

De forma semelhante, o fator 1 da Levenson apresentou correlações negativas moderadas (em torno de -0,40) com os fatores Responsividade e Respeito do QoE, e um grau menor de correlação negativa com o Disponibilidade (F3) do mesmo. O fator 2 da Levenson mostrou correlações negativas moderadas (próximas a -0,30) com os fatores Respeito e Disponibilidade do QoE.

Responsividade (F1) está associada ao componente afetivo da empatia, envolvendo assimilação e expressividade emocional. Respeito (F2) está relacionado ao componente cognitivo da empatia e abrange respeito e consideração às diferenças. Por fim, Disponibilidade (F3) concerne à empatia compassiva, que se refere ao componente da compaixão pelos outros.

Os índices correlacionais revelam resultados pouco expressivos entre os fatores do QoE com Narcisismo, Maquiavelismo e o fator 2 da Levenson, permitindo interpretar que a relação entre a psicopatia secundária e a empatia não é tão forte. No entanto, as características de auto fixação do Narcisismo assim como o interesse em si e manipulação do Maquiavelismo deveriam estar diretamente relacionadas à ausência de empatia, os resultados parecem indicar estes fatores não estão avaliando o componente da empatia segundo a sua própria teorização.

As maiores associações correlacionais se encontram entre os fatores Psicopatia da D-12 e o fator 1 da Levenson com os fatores do QoE, considerando o último fator deste um pouco menos associado. Os resultados indicam que a psicopatia primária da Levenson e a Psicopatia da D-12 estão correlacionadas negativamente com empatia afetiva e a empatia cognitiva, de modo que quanto maior a presença dos traços avaliados por estes fatores nos indivíduos menor a propensão destes a se sensibilizarem emocionalmente, exprimirem suas emoções, compreender e respeitar as emoções e pontos de vista diferentes.

É possível extrair destes resultados que tais fatores das escalas de psicopatia realmente estão avaliando o prejuízo da capacidade empática da personalidade psicopática, conforme assinalado pela literatura (Hicks & Drislane, 2018). É conveniente enfatizar que os resultados do estudo anterior apontam para a mesma direção, especialmente em relação ao fator Psicopatia da D-12, o qual apresentou correlações positivas moderadas com subfatores que envolvem rebaixamento das vivências emocionais e indiferença em relação aos problemas dos outros.

Segundo Blair (2007), o déficit na capacidade empática é uma das principais características da psicopatia. Indivíduos psicopatas tendem a apresentar um grau de sensibilidade extremamente reduzido em relação aos processos emocionais de outras pessoas, havendo um prejuízo na empatia indutiva, além de uma incapacidade de reconhecerem expressões faciais emocionais em geral. Neste sentido, é esperada a relação entre graus mais elevados de traços de psicopatia e uma reduzida capacidade empática, conforme evidenciam os dados desta pesquisa.

Estudos prévios revelaram resultados semelhantes em relação aos fatores de empatia do QoE, especialmente ao fator afetivo (Responsividade) e ao cognitivo (Respeito) revelando correlações negativas fortes destes construtos da empatia com vivências de agressividade e ausência de respeito às pessoas e às normas. Ou seja, resultados que geraram a observação concernente à relação entre a maior presença destes aspectos avaliados da psicopatia e uma redução da empatia e seus construtos associados (Miguel *et al*, 2018).

Quanto ao TOHE, os índices correlacionais foram próximos da nulidade, com exceção do fator Socialização e o fator 1 da Levenson, que apresentaram correlação negativa moderada (-0,35). É possível extrair a interpretação de que a predominância das características da psicopatia primária interfere na capacidade de designar adequadamente as experiências emocionais representadas graficamente. No entanto, chama a atenção a ausência de correlações negativas mais fortes entre este fator do TOHE e os fatores do D-12.

Neste sentido, o processamento emocional avaliado pelo TOHE não parece se aproximar dos prejuízos de estímulos e processamento emocional teorizado nas conceituações acerca da personalidade psicopática. Igualmente, é válido acrescentar que as escalas de psicopatia empregadas não avaliam diretamente este construto, no tocante ao processamento de estímulos em geral, e emocionais, especificamente. Ainda assim, a terceira hipótese se

confirmou parcialmente, à medida que os resultados parecem evidenciar alguma associação entre o fator Socialização e o Fator 1 da Levenson.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises prévias, chega-se à conclusão de que tanto a escala Levenson quanto a Dirty Dozen estão avaliando características fundamentais da personalidade psicopática, especialmente traços associados à psicopatia primária. Os resultados evidenciaram correlações positivas moderadas e fortes com agressividade, manipulação, enganabilidade, inexpressividade emocional, indiferença e rebaixamento da capacidade empática. Igualmente, correlações negativas moderadas com a empatia afetiva, cognitiva e compassiva.

As hipóteses foram testadas e confirmadas, de forma que os resultados gerados seguiram em conformidade com as indicações da literatura de base, exceto pela terceira hipótese, que se confirmou parcialmente. A magnitude das correlações obtidas, embora não tão elevada, revelou associações pertinentes entre os construtos avaliados pelas escalas de psicopatia, com ênfase nos traços dimensionais relativos à psicopatia primária, e à dimensão *Meanness*, segundo o modelo triárquico.

Em relação à escala Dirty Dozen, cabe ressaltar que os fatores Psicopatia e Maquiavelismo mostraram associações mais consistentes com as características de psicopatia avaliadas, enquanto Narcisismo se correlacionou apenas com um fator referente a controle e mentira visando benefício próprio. Os dados sugerem maior proximidade do fator Psicopatia com aspectos que envolvem rebaixamento das experiências emocionais, indiferença, ausência de empatia, enquanto Maquiavelismo está mais relacionado às condutas de mentira, enganabilidade e manipulação.

Segundo os dados obtidos, o fator 1 da Levenson está correlacionado com agressividade, manipulação, enganabilidade, ausência de empatia e indiferença. Neste sentido, este fator está avaliando coerentemente as características da psicopatia primária. Quanto ao segundo fator,

que avalia a psicopatia secundária, as correlações foram menores com as outras características avaliadas, exceto por agressividade e inconsequência.

Os resultados foram pertinentes com as características da psicopatia secundária, considerando a correlação positiva forte obtida com os subfatores relativos a agressividade decorrente a um descontrole emocional e a impulsividade relacionado a um estilo de vida imprudente (Hicks & Drislane, 2018). Significa que a psicopatia secundária é contemplada e avaliada pelo fator 2 da LSRP.

Contudo, pessimismo, intolerância à frustração, neuroticismo, vulnerabilidade à ansiedade e depressão são características fundamentadas (Levenson, Kiehl & Fitzpatrick 1995) que poderão ser incluídas para a validação de uma avaliação mais ampla da psicopatia secundária pelo segundo fator da Levenson. Conclui-se que os resultados são suficientes para indicar uma boa direção avaliativa, mas que uma das limitações desta pesquisa gira em torno da necessidade da inclusão de outros fatores e instrumentos avaliativos destes aspectos descritos da psicopatia secundária.

De maneira geral, os dados parecem indicar, a partir dos graus de correlação obtidos, que os traços da personalidade psicopática avaliados pelas escalas de psicopatia que possuem maior associação com o IDCP-2 são relativos às características de agressividade, manipulação, enganabilidade, inexpressividade emocional e redução da capacidade empática. Em outras palavras, este estudo aponta que esta faceta da personalidade psicopática é bastante expressiva na avaliação da Dirty Dozen e da Levenson.

Especificamente, o fator Psicopatia da D-12 parece refletir acentuadamente a defasagem empática e emocional caracterizada pelas conceituações teóricas sobre a psicopatia, considerando as correlações positivas moderadas com Inexpressividade Emocional e Indiferença do IDCP-2, as quais foram exclusivas em relação aos outros fatores das escalas.

Por esta mesma ótica, Maquiavelismo apresentou, distintamente, correlações positivas moderadas com Sedução e Manipulação e Dominância do IDCP-2, o que conduz à interpretação de que este fator do D-12 reflete, em maior proporção, os traços de manipulação, enganabilidade e exploração de outros indivíduos.

Os dados deste estudo, igualmente, apontam que o fator 1 da Levenson parece reunir as mesmas características avaliadas pelos fatores Maquiavelismo e Psicopatia da D-12 relativas à manipulação, agressividade e indiferença. Os resultados sugerem que estes três fatores das escalas de psicopatia empregadas no estudo estão correlacionados positivamente entre si (próximo a 0,50) e estão avaliando em comum a mesma faceta da personalidade psicopática, muito próxima do domínio *Meanness*, segundo o modelo triárquico (Patrick, 2018).

Estes traços dimensionais referentes à ausência de empatia, manipulação, exploração e agressividade são teorizados como decorrentes de um prejuízo severo das capacidades emocionais normais dentro da personalidade psicopática. São características estudadas e teorizadas como integrantes da psicopatia primária, a qual pressupõe um déficit emocional inato que abrange desapego social, frieza emocional e prejuízo da consciência (Skeem *et al*, 2011).

Pela ótica do modelo triárquico, os traços dimensionais mais expressivos pelos índices das correlações obtidas estão diretamente relacionados ao construto *Meanness*. Este construto é estudado como uma dimensão central da psicopatia que possui forte associação com aspectos de frieza emocional, tendência ao desapego nas relações interpessoais, envolve exploração, violência e crueldade em suas manifestações comportamentais (Patrick, Fowles & Krueger, 2009).

Portanto, os resultados deste estudo demonstram que a Dirty Dozen (Maquiavelismo e Psicopatia) e a Levenson (fator 1) estão avaliando, com maior ênfase, o aspecto dimensional ligado ao recrudescimento afetivo e emocional da psicopatia, com as suas respectivas

características envolvidas. É válido acrescentar que embora *Meanness* seja uma das dimensões centrais da psicopatia, muitas outras características igualmente importantes são consideradas nos avanços teóricos e empíricos sobre a personalidade psicopática (Patrick *et al*, 2018). Os resultados deste estudo demonstram resultados pouco expressivos sobre associações entre neuroticismo e a psicopatia secundária, assim como impulsividade, problemas com descontrolo, ou também assertividade, invulnerabilidade ao estresse e confiança social.

Quanto à possibilidade do IDCP-2 gerar um escore próprio para a avaliação da psicopatia, os dados obtidos por esta pesquisa não parecem ser suficientes para sustentar esta possibilidade. Considera-se, pelos resultados desta pesquisa, que uma faixa dimensional da psicopatia vinculada à psicopatia primária está sendo avaliada pelas escalas e apresenta correlações com alguns subfatores do IDCP-2.

Os resultados esperados em relação ao TOHE não foram totalmente correspondentes com a hipótese previamente levantada. Os escores fatoriais das escalas de psicopatia apresentaram correlações próximas da nulidade, com exceção do fator 1 da Levenson com o fator Socialização do TOHE. Desta forma, este resultado indica alguma relação, porém inespecífica em relação a qual aspecto da psicopatia o fator socialização está associado, segundo os resultados obtidos.

Nesta direção, faz-se necessário novas pesquisas em relação à associação do fator Socialização do TOHE com as características da psicopatia, a fim de analisar e compreender com maior consistência o significado da correlação negativa apresentada. Cabe ressaltar que nesta pesquisa menos de 1/3 da amostra respondeu ao TOHE completamente, havendo menor variabilidade dos resultados em comparação com os outros testes, respondidos por toda a amostra.

Outras características avaliadas pelo Inventário que potencialmente se associariam às características de psicopatia avaliadas pelas escalas apresentaram correlações fracas e muito fracas. Além disso, outros aspectos dimensionais da psicopatia como ausência de medo/ansiedade, impulsividade, confiança e assertividade social, condutas inconsequentes geradoras de problemas, entre outras, precisariam estar amplamente presente no Inventário e careceriam de dados correlacionais confirmatórios, tais quais esta pesquisa se restringiu em oferecer.

É possível que futuras pesquisas com estes aspectos de personalidade amplamente presentes, seja pela inclusão de outros subfatores do IDCP-2 ou com a aplicação de outros instrumentos mais específicos permitam o ensejo de evidências de validade para as outras faixas dimensionais da psicopatia. Igualmente, neste sentido, para a aquisição de evidências de validade para a psicopatia secundária que incluam mais extensamente outros componentes de personalidade avaliados pela Levenson.

REFERÊNCIAS

- Ames, M.; Kidd, A. H. (1979) Machiavellianism and women's grade point averages. *Psychological Reports*, 44(1), 223-228.
- Blair, R. J. R. (2007). *Empathic dysfunction in psychopathic individuals*. Cambridge University Press, 3-16.
- Cleckley, H. M. (1988). *The Mask of Sanity*, Fifth Edition. Georgia: Copyright to Emily S. Cleckley.
- Hauck-Filho, N.; Teixeira, M. A. P.; Dias, A. C. G. (2009). Psicopatia: o construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica*, 8(3), 337-343.
- Hauck-Filho, N. (2013). *UFRGS – Teoria e Avaliação da Personalidade Psicopática: construção e evidências de validade de um instrumento de autorrelato para uso na população geral*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Hauck-Filho, N.; Salvador-Silva, R.; Teixeira, M. A. P. (2015). Análise psicométrica preliminar de um instrumento de autorrelato para avaliar traços de psicopatia. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 20(2), 333-348.
- Henriques, R. P. (2009). De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 285-302.
- Hicks, B. M.; Drislane, L. E.. (2018). Variants (“Subtypes”) of Psychopathy. Patrick, C. J. (Ed.) *Handbook of Psychopathy*. Second edition. (pp. 297-334). New York: The Guilford Press.
- Jakobwitz, S.; Egan, V. (2006). The dark triad and normal personality traits. *Personality and Individual Differences*. 40, 331-339.
- Jonason, P. K.; Webster, G. D. (2010). The Dirty Dozen: a concise measure of the dark triad. *American Psychological Association*. 22(2), 420-432.

- Levenson, M. R.; Kiehl, K. A.; Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing Psychopathy Attributes in a Noninstitutionalized Population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151-158.
- Lins, M. R. C.; *et al.* (2017). *Avaliação Psicológica: aspectos teóricos e práticos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Miguel, F. K.; Hashimoto, E. S.; Gonçalves, E. R. D. S.; Oliveira, G. T.; Wiltenburg, T. D. (2018). Estudos de Validade do Questionário *Online* de Empatia. *Temas em Psicologia*, 26 (4), 2203-2216.
- Morana, H. C. P. (2003). UFMUSP – Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (*Psychopathy Checklist Revised*) em população forense brasileira: caracterização de dois tipos de personalidade; transtorno global e parcial. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, SP.
- Patrick, C. J. (2018). Psychopathy as Masked Pathology. Patrick, C. J. (Ed.) *Handbook of Psychopathy*. Second edition. (pp. 3-21). New York: The Guilford Press.
- Patrick, C. J.; Fowles, D. C.; Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: developmental origins of disinhibition, boldness and meanness. Cambridge University Press, 21, 913-938.
- Sellbom, M.; Lilienfeld, S. O.; Eowler, K. A.; McCrary, K. L. The Self-Report Assessment of Psychopathy: Challenges, Pitfalls, and Promises. In Patrick C. J. (Ed.) *Handbook of Psychopathy*. Second edition (pp. 211-258). New York: The Guilford Press.
- Simões, N. C.; Hauck Filho, N. (2020). O viés da aquiescência e a estrutura fatorial do *Dirty Dozen* e do *Short Dark Triad*. *Psico*, Porto Alegre, 51(2), 1-13.
- Skeem, J. L.; Polaschek, D. L. L.; Patrick, C. J.; Lilienfeld, S. O. (2011). Psychopathy Personality: bridging the gap between scientific evidence and public policy. *Psychological Science*, 12(3), 95-162.
- Soeiro, C.; Gonçalves, R. A. (2010). O *estado de arte* do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 28 (1), 227-240.